

CRONICA MENSAL

E' corrente ouvir dizer, mesmo a pessoas com responsabilidades científicas, que a concentração industrial prevista no meado do século passado se não verificou e que, pelo contrário até, o número das pequenas empresas, aumentou em vários ramos da actividade económica. E' tempo de se pôr fora da circulação esta idea errônea que as estatísticas desmentem e a observação económica desmascara. A época contemporânea é o triunfo da produção centralizada, da grande concentração industrial. E' o reino dos «trusts», dos cartéis e dos «holdings», que são sociedades que têm como fim a compra e administração das acções de outras sociedades. (Os «holdings» destinam-se a disfarçar juridicamente os «trusts» onde quere que eles sejam proibidos pela lei). Os factos mostram-nos, que a concentração das empresas é a grande realidade económica da época moderna, que explica toda a história dos últimos cinquenta anos. Na crónica do mês passado, comecei a mostrar a importância da concentração industrial para a definição e compreensão do «imperialismo». Hoje vou analisar as condições em que a concentração se verificou, seguindo de perto os números oficiais reunidos e apresentados por E. Varga e L. Mendelsohn em «New data for «Imperialism, the highest stage of capitalism» (Londres, Lawrence & Wishar Ltd., 1939)—livro a todos os títulos notável.

Na ALEMANHA, em dezoito anos, de 1907 a 1925, a proporção das pessoas ocupadas em grandes empresas (são «grandes empresas» as que ocupam pelo menos 50 pessoas) em relação ao número total das pessoas ocupadas na indústria (usando a palavra no sentido lato, abrangendo também o comércio, os transportes, etc.) aumentou de 39,4 % para 44,6 %. O número das empresas gigantes (isto é: dando ocupação a mais de mil pessoas) quasi duplicou, pois passou de 586 para 1.122 e a parte da força motriz total por elas usada aumentou de 32 % para 41,2 %.

Nos ESTADOS UNIDOS, durante vinte anos, de 1909 a 1929, a parte do valor total dos produtos da indústria manufactureira produzidos pelas grandes empresas (considerando-se neste caso grandes empresas as que têm uma produção avaliada em cerca de \$1.000.000) aumentou de 43,8 % para 69,3 %. O número das empresas gigantes (empregando mais de 1.000 trabalhadores) aumentou de 540 para 996.

Em FRANÇA, no periodo compreendido entre 1906 e 1926, o número de pessoas ocupadas em grandes empresas industriais (dando ocupação a mais de 50 pessoas), em relação ao número total das pessoas trabalhando na indústria, aumentou de 30,6 % para 44,8 %. O número das empresas gigantes aumentou de 207 para 362 e o número das pessoas ocupadas nestas empresas, em relação ao total das pessoas ocupadas na indústria, quasi duplicou, pois aumentou de 8,1 % para 13,4 %.

No JAPAO, de 1909 a 1927, o número das grandes companhias comerciais e industriais com capital excedendo 5.000.000 de yens aumentou de 38 para 687! Dezoito vezes mais!

Na INGLATERRA, o nivel da concentração é também característico. Aumentou o número das grandes empresas e o número das empresas gigantes atingiu, em 1930, 353.

A concentração conduziu aos monopólios; estes arrastaram os povos para o imperialismo. A guerra é a manifestação trágica do imperialismo em acção. Mas, a concentração teve como consequência a organização de uma produção colectiva, o aparecimento de grandes aglomerados industriais, o trabalho de centenas de pessoas na mesma fábrica e nas mesmas oficinas. O monopólio agravou até ao ponto critico a distinção económica entre o empresário e os produtores de facto. E' hoje impossível negar, com palavras de falaz clareza e pèrfida intenção, que os monopólios vieram agravar a contra-

dição irrecusável entre os que adquirem e não trabalham e os que trabalham e não adquirem, Rousseau, e desde êle todos os teóricos do regime representativo e do principio maioritário,—vêm esbarrar sem remédio nesta realidade brutal: «na fábrica a maioria é o patrão». Não há teorias económicas por maior que seja o aparato técnico de que se revistam que consigam iludir o fenómeno da concentração, que conduziu à contradição entre uma minoria de «beati possidentes» e uma esmagadora maioria de pessoas que alugam o seu trabalho.

Mas, quem sabe tudo isto melhor do que o Daladier de Munich e o «homem forte» (?) desta guerra? São dêle estas palavras, proferidas na sexta sessão do 31.º congresso do partido republicano e radical-socialista, reunido em Nantes, em 1934: «...num pais de democracia individualista, são duzentas famílias que, pela interpenetração dos Conselhos de Administração, pela autoridade crescente dos bancos que emitiram as acções e facilitaram o crédito, se tornaram as senhoras indiscutíveis, não somente da economia francesa, mas também da política francesa. Como foi isto e a que conduziu isto? Quando tais organismos, que Richelieu não teria deixado que se constituíssem no reino de França, se constituem realmente é inevitável a perturbação. Pelo jôgo das reservas, êsses organismos sacrificaram o próprio accionista, porque, nunca, no pagamento de uma acção, de um dividendo, está incorporado o valor do activo social; e avalio por isso em várias dezenas de biliões de francos as perdas dos accionistas destas vastas companhias. Elas determinaram igualmente um acréscimo da carga fiscal que pesa sobre o maior número, porque as reservas, os investimentos beneficiaram de numerosos privilégios fiscaes, que nem sempre são aparentes e claros. Pode avaliar-se em perto de um billão de francos por ano a evasão fiscal de que são responsáveis estas sociedades. Acrescentando-se que puseram as mãos nos transportes, tornando-os mais onerosos, e que puseram a mão sobre o crédito. Vós sabei-lo, vós que, depois do desaparecimento dos pequenos banqueiros dos departamentos e das provincias, sois obrigados a contar com o moderno senhor; porque o facto actual é que o industrial se tornou vassallo do financeiro. Na vida de todos os dias, estas vastas coalizões de interesses intervêm sobre as tarifas aduaneiras de uma maneira ou de outra. Intervêm na vida política. Muitas vezes, no poder, os homens são apenas os seus delegados. Intervêm mais ainda sobre a opinião pública e nas grandes cidades, onde não há tempo para raciocinar, como nos campos, elas fabricam dia a dia a opinião, porque são as proprietárias da imprensa francesa». (Cfr. «Europe», n.º 200, de Agosto de 1939, pág. 681). Era assim que falava em 1934 o actual campeão da política dos decretos-leis e da deflação.

Não, a guerra a que estamos assistindo não pode explicarse pelo pan-germanismo. Por trás desta fórmula superficial há realidades ocultas que os homens da rua foram habituados a não conhecer. Há o mercado mundial que,—como disse alguém—«é a forma moderna do destino»... Vimos na crónica anterior que foi o «imperialismo» (realidade económica de classe e não tendência rácica de expansão) que arrastou o povo alemão para a guerra. Quanto à expansão russa para ocidente, também não pode explicar-se pelo pan-eslavismo. Ela é, antes, segundo a melhor opinião, a reacção que os sovietes consideram a única consequente, em presença do entrechocar dos imperialismos que no seu embate catastrófico arriscam o destino da civilização e do mundo. O que alguns chamam «pan-eslavismo» é hoje uma tomada de posições estratégicas, com o fim de consolidar pela acção internacional as realidades políticas do plano interno.

Em próximas crónicas, voltarei a estes assuntos, procurando fazer um pouco de história que permita compreender com maior exactidão a presente situação internacional.

RODRIGO SOARES